

Antonio Candido defendia literatura como vital para experiência humana

Criação ficcional e poética desenvolve em nós quota de humanidade

Itamar Vieira Junior

Folha de S. Paulo, 24 junho, 2023

• • No ensaio "O Direito à Literatura", [o sociólogo e crítico Antonio Candido](#) disserta sobre a literatura como um [direito inegável da condição humana](#). Para chegar a essa conclusão, ele parte de considerações sobre o que seria ou não indispensável à vida, dos bens compressíveis aos incompressíveis.

Os bens incompressíveis seriam os inegociáveis, os que asseguram a sobrevivência física e a "integridade espiritual": o alimento, a educação, a saúde, a liberdade individual, a justiça pública, a resistência à opressão e o direito à arte e à literatura.

Os bens incompressíveis correspondem às "necessidades profundas do ser humano". Para Candido, a literatura se incluiria neste escopo, mas para tanto seria necessário alargar sua concepção e não a restringir apenas à sua forma mais conhecida, a [narrativa escrita](#).

A ampliação do conceito incluiria "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de [cultura](#)". Folclore, lendas, narrativas orais até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita, tudo poderia ser compreendido como parte da criação literária humana.



"João, Maria e o Pavão Azul" (1960), xilogravura de Gilvan Samico - Divulgação

Candido descreve a literatura como uma "manifestação universal de todos os homens em todos os tempos". Não há sociedade ou indivíduo que possa viver sem qualquer espécie de fabulação. Os [sonhos](#), segundo o autor, são partes indispensáveis desse universo, e involuntariamente nos transportam à dimensão criativa da vida.

Dos sem escolarização formal aos eruditos, no dia a dia de qualquer pessoa, a criação ficcional e poética se manifesta de forma ininterrupta correspondendo a uma necessidade universal, "que precisa ser satisfeita e cuja satisfação se constitui num direito".

Sendo assim, a literatura seria "o sonho acordado das civilizações", criado a partir de perspectivas próprias a um grupo ou sociedade, considerando sempre seus sistemas de crenças e valores, seus sentimentos e suas normas. É algo muito próximo à vida e por isso "confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornece a possibilidade de viver dialeticamente os problemas".

Como forma da nossa expressão, a literatura manifesta emoções e visões de mundo, se elabora a partir de estruturas e significados, e por isso é uma forma de conhecimento. "Toda obra literária", escreve Candido, "é antes de mais nada uma espécie de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção".

A suposta organização do nosso caos interior estrutura e desestrutura ideias e mundos, e é nesse processo que reside toda força de sua expressão. "As produções literárias de todos os tipos e todos os níveis satisfazem necessidades básicas do ser humano [...] enriquecem a nossa percepção e a nossa visão de mundo".

Assim, a literatura é uma "necessidade universal imperiosa" e "fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade": do indígena "que canta suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia", ao mais erudito "que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético".

Em todas as suas formas e expressões, a literatura nos ajuda a aprofundar nossa humanidade, molda nossa personalidade, permite-nos empreender uma busca que é a busca por nós mesmos, e também "desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante".

Na hierarquia estabelecida por Candido, da obra de "qualidade alta" à obra de "menor qualidade" – hierarquia estabelecida e influenciada por [epistemologias](#) europeias—, todas atuam "formando uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos".

Num mundo onde o diferente continua a ser transformado no outro destituído de sua humanidade, [a literatura como direito nos devolve o exercício da alteridade](#), a possibilidade de alargar nossa compreensão da existência a partir da experiência desse outro.

Candido ainda expressa sua revolta contra o preconceito de classe segundo a qual "as minorias que podem participar de formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las". Para ele, os mais pobres sentem uma "sofreguidão comovente" quando acessam bens culturais de toda ordem, e [privá-los do acesso à literatura e à arte é uma forma espoliação](#), de privação de um direito.

E conclui seu ensaio da seguinte maneira: "Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável".